

Djalma do Alegrete: “o marginal glorificado” do Rio Grande do Sul

Alexandre Brizzo Gomes Filho / 16 de fevereiro de 2023 / Reportagens



Cultura | Pesquisadores e instituições buscam resgatar a trajetória do artista multifacetado negro, homossexual e ícone do carnaval

Foto: Dossie Djalma Alegrete

O saber de que “o palco que a alguns é concedido a outros é negado” se intensifica à medida que a linha da negritude ou da homossexualidade se cruzada, e mais ainda quando esses dois marcadores sociais se interseccionam em uma só pessoa. Djalma do Alegrete (1931-1994) é um desses casos de resgate da trajetória de personalidades negras cada vez mais presentes na sociedade brasileira desde que a Lei de Cotas possibilitou que a comunidade negra pautasse suas demandas dentro e fora da academia.

Com a arte inspirada na herança afro-brasileira, Djalma era pintor, cenógrafo, poeta, ator, carnavalesco, figurinista e professor, alcançando notabilidade com os seus retratos. Neste campo, Djalma aperfeiçoou seus traços com o renomado João Fabrioni, aprimorou-se em pintura com Aldo Locatelli e em técnica com o célebre Ado Malagoli. A instrução e a procedência da academia não foram, entretanto, suficientes para garantir o reconhecimento da sua trajetória, pois havia as circunstâncias da cor da pele e da orientação sexual: era negro e homossexual.

“Se as pessoas negras não conseguem se inserir nos espaços de poder, como em acervos de museu, direção de instituições de arte ou mesmo outros setores do mercado de trabalho, é porque durante vários séculos a imagem dessas pessoas foi sendo associada a tarefas subalternas.” É o que diz Izis Abreu, mestrandia em História, Teoria e Crítica da Arte pela UFRGS e curadora do Presença Negra, exposição recente do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) na qual obras de Djalma estiveram presentes. De acordo com Izis, “isso ocasiona a criação de lugares sociais específicos para essas pessoas”.

“O fato de o Djalma ser um homem negro e homossexual acabou influenciando na trajetória dele, na falta de oportunidades de reconhecimento”
— Izis Abreu

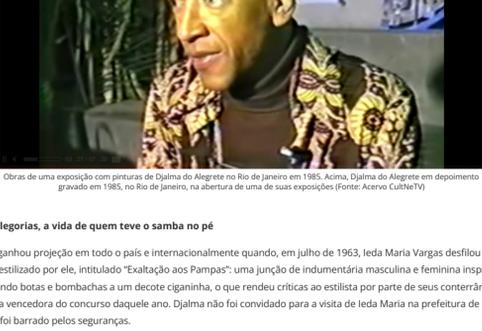
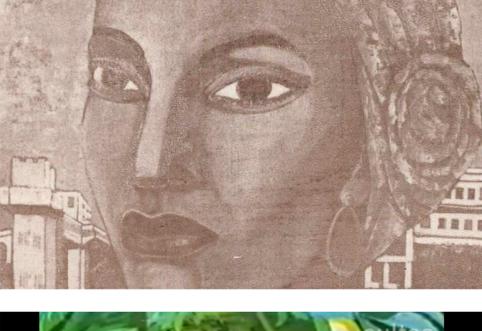
Djalma recusou o lugar subalterno que o preconceito reservou para ele. Criou para si um mundo próprio de cores, traçados, tecidos, amores, tragédias e religião, em que ocupou o seu lugar de inato insubmisso, vivendo em constante luta cognitiva e expurgando a interiorização da subalternidade proveniente da mentalidade imposta aos negros e negras pela colonização. Em 1979, em entrevista publicada pelo jornal alternativo Lâmpião da Esquina, cuja linha editorial era voltada a questões LGBT e da comunidade negra, Djalma foi descrito como “artista plástico, travesti, showperson, ex-ovelha negra da família, A.A., filho de Xangô, com a cabeça feita pela mãe Sara de Iansã (de Porto Alegre)”.

Nascido em uma família negra e abastada em 4 de junho de 1931, em Alegrete (RS), filho de Dinorá Cunha dos Santos e do tenente do Exército Homero Alves dos Santos, com cinco irmãos biológicos e dois de criação, Djalma não atendeu às vontades dos pais e passou longe de ser um engenheiro. Fugindo dos moldes da família, nasceu com o sangue misturado à fantasia que faz do abstrato a arte que se pode ver, sentir, tocar e transmitir.

Segundo matéria de 1988 do jornal O Globo, Djalma foi o primeiro aluno negro a ingressar na Faculdade de Belas Artes da UFRGS. Formou-se em artes plásticas, sendo o primeiro negro formado na área no estado. Também estudou Jornalismo e finalizou o curso de Didática da Faculdade de Filosofia na mesma instituição.

Passou a lecionar em São Lourenço do Sul logo que se formou em artes plásticas, onde sofreu com o forte preconceito dos pais de seus alunos e demais moradores da cidade por ser negro e homossexual, chegando a ser apedrejado. “Convidei ex-alunos meus de Porto Alegre para passarem um fim de semana comigo em São Lourenço do Sul”, conta Djalma em entrevista para o Correio da Manhã em julho de 1963. “Eles foram homenageados com um coquetel num club e eu, como sou de cor, tive que ficar aguardando na porta.”

Devido à forte segregação racial no estado, Djalma se mudou para o Rio de Janeiro em agosto do mesmo ano, marcando o início de suas idas e vindas entre os dois estados.



Obras de uma exposição com pinturas de Djalma do Alegrete no Rio de Janeiro em 1985. Acima, Djalma do Alegrete em depoimento gravado em 1985, no Rio de Janeiro, na abertura de uma de suas exposições (Fonte: Acervo CultNeTV)

Entre fantasias e alegorias, a vida de quem teve o samba no pé

Djalma do Alegrete ganhou projeção em todo o país e internacionalmente quando, em julho de 1963, leda Maria Vargas desfilou no Miss Universo com um traje típico estilizado por ele, intitulado “Exaltação aos Pampas”: uma junção de indumentária masculina e feminina inspirada na Revolução Farroupilha, misturando botas e bombachas a um decote cigantina, o que rendeu críticas ao estilista por parte de seus contemporâneos e elogios fora do Brasil. A miss foi a vencedora do concurso daquele ano. Djalma não foi convidado para a visita de Ieda Maria na prefeitura de Porto Alegre: ao chegar aos portões, foi barrado pelos guardas.

Dirney Alves Ribeiro, de quem Djalma era padrinho de casamento e amigo de longa data, relembra a ferida que esse acontecimento abriu na vida do artista. “Disseram para ele que ele fez o modelo [do traje] profissionalmente, e que depois disso ele já não tinha mais nada a ver com o assunto. Ele foi barrado porque era negro e homossexual”, afirma. Dirney conta que, a partir desse episódio, Djalma passou a desafiar a sociedade. “Ele desfilava pela Rua da Praia, seminu, com roupa feminina. Estava à frente de seu tempo.”

Na casa de Dirney se vê Djalma em quase todas as paredes, através dos retratos realísticos e estilizados que ele pintou da família Ribeiro. Em uma caixa organizadora se concentra a maior parte do acervo que o afilhado possui das obras do artista, junto de cartas enviadas ao longo dos anos para ele e para sua esposa, Lenir, a quem Djalma admirava como se fosse a sua própria versão feminina.

Em meio à narrativa da vida de Djalma, Dirney vasculha cartas, cartões postais, obras e fotografias que evidenciam os seus retratos, eventualmente apertando os olhos como para atingir memórias mais distantes, da época em que os dois se conheceram no bloco Trevo de Ouro, em 1966, em que Djalma foi carnavalesco. Ao se referir aos croquis, Dirney exalta o gênio do padrinho: “A cultura dele era invejável. Ele foi pioneiro em fazer esse tipo de desenho, só ele pintava dessa forma”. Nos croquis que o estilista desenhou para as escolas de samba em que trabalhou, a censura do Departamento de Ordem Pública e Social (Dops) se mantém registrada nos carimbos de autorização do departamento de Polícia Federal do RS.

Ao longo dos 21 anos da ditadura militar, Djalma do Alegrete “pintou e bordou”. Apesar de questões de gênero e sexualidade não serem motivo de política de repressão legalizada, havia uma associação geral dessas pessoas à subversão, fazendo com que representassem uma ameaça à moral e aos bons costumes. Historicamente, homossexuais têm encontrado no Carnaval um espaço para livre manifestação de sua identidade, o que justifica a paixão de Djalma pela área.

No dia 23 de julho de 1963, o Correio da Manhã anuncia que o figurinista deixaria Porto Alegre em agosto daquele ano por conta do racismo existente no estado. “A segregação racial no Rio Grande do Sul é um fato”, relata Djalma ao jornal. “Lá nós somos chamados de ‘aquele negro’ ou de ‘negrinho’ e acho que por isso que não tenho oportunidade na minha própria terra”. O artista, cansado do conservadorismo de Porto Alegre, foi para o Rio de Janeiro.

Na cidade de encantos mil, Djalma trabalhou com o Carnaval. Em carta enviada a Dirney e Lenir, ele descreve: “Estou felicíssimo, pairando no espaço como se estivesse renascendo (graças a Deus!!!)”. Em 1971, porém, seu regresso prolongado a Porto Alegre se deu em virtude de uma situação mal resolvida no ambiente de trabalho: as costureiras não terminaram os trajes a tempo e os administradores do Bloco das Vassourinhas ficaram furiosos. Ele, com medo, regressou em busca de refúgio na terra natal. Segundo Dirney, “a família dele, apesar de ter muitas restrições quanto à sua sexualidade, não o abandonava”.



Na capa, imagem publicada no jornal Correio do Povo, em 23/11/1971, em reportagem que tratava de exposição de retratos na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Acima, parte de “Lenda n. 19 – Andressa, a mulata do torro dourado”, do catálogo de obras de Djalma do Alegrete “Lendas Negras do Afro-brasileiro” (Fonte: Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS)

Um resgate frente ao apagamento sistemático de pessoas racializadas e LGBTQIA+

“O Djalma é um dos casos desses artistas racializados que ficam invisibilizados na história da arte”, comenta Izis Abreu. “A academia pode saber quem ele é, mas o público em geral não o conhece.” Curadora do Presença Negra junto com o pesquisador Igor Simões, da UERGS, a historiadora da arte fala que a exposição serviu para fazer com que outras pessoas se interessassem pelos artistas apresentados e também para fomentar e estimular o interesse por pesquisas em torno de artistas apagados ou invisibilizados: “Existem vários nomes para serem pesquisados e historiografados, é só a gente olhar para eles”.

Com a frequência cada vez maior de discussões em torno de pautas raciais, a mestrandia explica que isso vem de toda uma luta dos movimentos sociais pela inserção nos espaços acadêmicos.

“A partir do momento que nós, pessoas negras, pessoas trans, pessoas homossexuais conseguimos nos inserir nos espaços acadêmicos, isso vai gerando interesse. Eu sou um exemplo disso: entrei em História da Arte por meio das cotas, e durante todo o curso eu não via artistas negros e comecei a me questionar em relação a isso. Meu TCC foi justamente sobre a trajetória e a produção de um artista negro e homossexual chamado Otacilio Camilo”
— Izis Abreu

O apagamento de experiências culturais negras e indígenas na história do Rio Grande do Sul pode ser explicado pelo esforço de fazer com que o estado seja visto a partir das vivências de pessoas com tradições e origens europeias. Sendo assim, elementos da cultura negra passaram a ser combatidos, como quando houve a tentativa de se construir, em meados dos anos 90 e ao longo dos anos 2000, um sambódromo na capital, e se insurgiram protestos por parte de determinados moradores alegando que resultaria no aumento da criminalidade.

Questões de representatividade têm estado cada vez mais presentes nos debates sociais, em propagandas, nas escolas e em ambientes de trabalho. Izis Abreu comenta que artistas racializados e LGBTQs estão conseguindo espaço na cena das artes, mas adverte: “Também existe uma situação mal resolvida no ambiente de trabalho: as costureiras não terminaram os trajes a tempo e os administradores do Bloco das Vassourinhas ficaram furiosos. Ele, com medo, regressou em busca de refúgio na terra natal. Segundo Dirney, “a família dele, apesar de ter muitas restrições quanto à sua sexualidade, não o abandonava”.

“Por mais que os artistas estejam ganhando certa visibilidade e estejam sendo procurados por galerias, a estrutura das instituições ainda não acolhe essa diversidade”
— Izis Abreu

“Djalma tinha questões relacionadas ao alcoolismo, provavelmente em decorrência da violência que foi sofrendo ao longo da vida”, conta a historiadora da arte. Izis ressalta que o artista deve ser reconhecido pela sua produção, e que essa produção precisa ser valorizada. Em entrevista a O Globo, em 1988, Djalma relata: “Agora, mais do que nunca, tenho consciência de que, apesar do prestígio que conquisei, sou marginal por ser homossexual e negro”. Contornando os preconceitos e reivindicando termos para si, o artista se autointituiu como “o marginal glorificado”.

Em 1991, ele chegou a fazer a exposição individual no MARGS “Preto é cor, negro é consciência”, em que promoveu uma retrospectiva de suas pinturas e o lançamento do livro “Rio Grande do Sul: Aspectos da Negritude”, uma coletânea de textos de vários autores sobre a presença da comunidade negra gaúcha em todos os seus aspectos, com ilustrações dele mesmo. Djalma do Alegrete morreu em 1994 no Hospital Nossa Senhora da Conceição, em Porto Alegre.

Ao falar sobre o resgate que a trajetória de Djalma do Alegrete está recebendo, Dirney se emociona e a voz fica embargada: “Ele merecia muito isso”. Dirney relata que tem sido procurado por museus interessados em expor obras de Djalma e também por pesquisadores que estão estudando a trajetória do artista. A respeito do impacto da imagem de Djalma para a comunidade negra e para a comunidade LGBTQIA+, o afilhado é resolutivo: “Esse resgate do Djalma é um quebra na opressão que veio dos brancos durante todos esses anos”.



Acima, Retrato (de Ieda Maria Vargas), 1977. Crayon e nanquim sobre papel. Dimensões: 82,00 x 62,00 cm; antes. Autorretrato – Miha Sagrada Monte, s.d. “Tempera e nanquim sobre cartão. Dimensões: 47,00 x 33,00 cm (Fonte: Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS)

:: Posts relacionados

- Imagens sobreviventes: o sofrimento humano na obra “Retranse com criança morta”, de Xico Stockinger
- A elaboração da memória em Jefferson Tendório
- O tempo da paisagem na fotografia “Gnomes”, de Lutz Carlos Felizardo
- A presença negra num bairro riograndino

INSTAGRAM

Realização: JORNAL DA UNIVERSIDADE

Contato: Secretaria de Comunicação Social/UFRGS